

A lição da Gronelândia

Como todos os autocratas, Trump só conhece a linguagem da força. Não se lhe pode mostrar fraqueza.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 4 de Fevereiro de 2026

A mudança climática fez subir a temperatura dos oceanos, como a política de potência fez subir os conflitos geopolíticos. E, em conjunto, ambos fazem subir o valor estratégico do Ártico. E, claro, da Gronelândia. Mas esta não é uma história nova para os EUA. Data de 1941 a presença americana na Gronelândia, ao abrigo de um acordo com a Dinamarca, para protecção do Ártico contra a Alemanha Nazi, na Segunda Guerra Mundial. No fim da guerra, o Presidente Truman quis mesmo comprar a Groenlândia, e ofereceu o equivalente a 1,6 mil milhões de dólares. A Dinamarca recusou, mas, em 1951, assinou um acordo de defesa com os EUA ao abrigo do qual foi estabelecida uma base militar secreta — Base Aérea Thule — a primeira de várias que estabeleceram durante a Guerra Fria.

A Dinamarca tornou-se, desde então, um dos aliados mais fiéis dos EUA e o acordo foi renovado em 2004. Hoje, os EUA mantêm uma só base militar na ilha, precisamente a primeira, rebaptizada Base Espacial de Pituffik. Mas a revalorização estratégica do Ártico fez aumentar o interesse americano sobre a Gronelândia. E agora, não só por razões militares, mas também económicas. Militares, porque no quadro de competição geopolítica volta a ser crucial a vigilância e o alerta precoce sobre os mísseis balísticos intercontinentais, como crucial volta a ser o domínio do espaço e o controle do “GIUK gap”, a passagem naval entre a Gronelândia, a Islândia e o Reino Unido. Económicas, porque o território possui importantes reservas de petróleo, gás natural e, sobretudo, depósitos de 43 dos 50 metais raros considerados estratégicos para a economia do futuro. Mas também porque o degelo do oceano permite a navegabilidade do Ártico durante o Verão e, assim, economizar a distância e 40% dos custos das rotas marítimas entre a Ásia e a Europa e a América, com as consequentes vantagens para o comércio internacional.

Percebe-se bem, por isso, o interesse de [Trump \(https://www.publico.pt/donald-trump\)](https://www.publico.pt/donald-trump) sobre a Gronelândia. O que não se percebe é a sua obsessão pela ocupação territorial. Porque o simples reforço da cooperação bilateral com a Dinamarca e multilateral com a NATO permitiria aos EUA conseguir os mesmos objectivos, económicos e militares, sem os custos políticos da expansão territorial. Porquê, então, uma tal obsessão, que agrava a fractura transatlântica e, indirectamente, favorece a Rússia e a China que Trump diz querer afastar?

Talvez a explicação esteja menos no objectivo estratégico do que na mentalidade do agente imobiliário. Mas a verdade é que, desde o primeiro mandato, que Trump fala da Gronelândia, e o episódio de Davos marca o culminar desse processo. Trump começou por dizer que não se defende aquilo que não se possui. Deixou explícito que queria a Gronelândia e que todas as opções estavam em cima da mesa para o conseguir. E deixou implícito que ou os europeus aceitavam o facto consumado ou veriam agravadas as tarifas e perderiam o apoio americano na NATO. Acabou com um acordo que deixa cair as tarifas e a opção militar, e garante a soberania da Gronelândia. Não se conhecem em detalhe os termos do acordo, mas uma coisa é certa: a coerção diplomática está suspensa, mas não eliminada. E os europeus têm uma lição a tirar.

Durante um ano, a Europa adoptou uma estratégia de apaziguamento, concedendo vitórias a Trump. Assinou um acordo comercial pouco menos que desonroso, acordou gastar mais 5% em defesa e aceitou desaforos protocolares para Trump acabar os últimos buracos do seu golfe. Recebeu em troca protecção, humilhações a Zelensky e cortesias a Putin. Aceitou que os aliados fossem tratados como clientes transaccionais e o mais que conseguiu foi que Trump continuasse a vender armas à Ucrânia — pagas pelos europeus. A Europa terá de reconhecer: o apaziguamento falhou.

Ora, ao contrário, quando na Gronelândia esteve em causa a integridade territorial de um Estado-membro a Europa uniu-se e reagiu. O Parlamento Europeu suspendeu a ratificação do acordo comercial UE-EUA e, ao mesmo tempo, a União Europeia fechou acordos comerciais com o Mercosul e a Índia. Um conjunto de países europeus mobilizou uma força militar para a ilha. Simbólica, mas suficiente para enviar o sinal político. Os mercados perceberam o sinal. Trump também e, finalmente, recuou.

Como todos os autocratas, Trump só conhece a linguagem da força. Não se lhe pode mostrar fraqueza. E sem confronto nem ruptura, estará na hora da Europa mudar de estratégia: do apaziguamento para a dissuasão. Ou, dito de outro modo: da genuflexão para a dignidade.

<https://www.publico.pt/2026/02/04/opiniao/opiniao/licao-gronelandia-2163558>